

## CÂNCER E PLANTAS MEDICINAIS: UMA REALIDADE A SER EXPLORADA

ANDRADE, Francine Pereira<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

MUNIZ, Rosani Manfrin<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

WENZEL, Flávio Aranalde<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

HECK, Rita Maria<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Pelotas

BARBIERI, Rosa Lia<sup>5</sup>  
Embrapa Clima Temperado

<sup>1</sup>Enfermeira. Mestranda em Enfermagem do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista de Demanda Social/CAPES. Membro do Núcleo de Condições Crônicas e suas Interfaces - NUCCRIN. E-mail: [enfermeirafrancine@hotmail.com](mailto:enfermeirafrancine@hotmail.com)

<sup>2</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem Fundamental. Docente do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Vice-líder e pesquisadora do NUCCRIN. E-mail: [romaniz@terra.com.br](mailto:romaniz@terra.com.br)

<sup>3</sup>Advogado. Pós-graduando em Direito Ambiental pela UFPel. Pós-graduando em Educação pelo IFSul. E-mail: [flavio\\_wenzel@hotmail.com](mailto:flavio_wenzel@hotmail.com)

<sup>4</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem Fundamental. Docente do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem. UFPel. E-mail: [heckpillon@yahoo.com.br](mailto:heckpillon@yahoo.com.br)

<sup>5</sup>Bióloga. Doutora em Genética e Biologia Molecular. Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado. E-mail: [lia.barbieri@cpact.embrapa.br](mailto:lia.barbieri@cpact.embrapa.br)

### 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que 66% da população brasileira não tem acesso a medicamentos comercializados, fazendo uso de plantas medicinais (DI STASI, 2007) ou de preparações destas como única alternativa. Diante desse cenário, um fato inquestionável é o uso de terapias complementares, como o de plantas medicinais, no tratamento de pacientes com câncer (BALNEAVES, WEEKS e SEELY, 2008).

Destaca-se que o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais associado ao acesso seguro e o uso correto destas, no tratamento de pacientes com câncer ou dos sobreviventes desta doença, pode contribuir para a promoção, prevenção e recuperação da saúde. Assim sendo, o presente trabalho teve como objetivo investigar as plantas medicinais utilizadas pelos sobreviventes ao câncer como tratamento e/ou prevenção desta doença.

### 2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo com caráter descritivo. Foi realizado a partir dos dados da pesquisa "A Resiliência como Estratégia de Enfrentamento para o Sobrevivente ao Câncer", que envolve sobreviventes ao câncer atendidos no Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas, que se encontram em seguimento de avaliação médica após o término do tratamento, com exceção da hormonioterapia. Nesta pesquisa, foram abordados 270 sujeitos, e destes 32 afirmaram utilizar outras formas de tratamento além do indicado pelo médico. A referida pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem conforme o parecer nº 36/2009 em 17 de agosto de 2009.

Portanto, foram utilizados como critério para seleção dos sujeitos do estudo: residir no meio urbano em Pelotas/RS e ter explicitado que utiliza as plantas medicinais na forma de chá. Assim sendo, na coleta de dados, desenvolvida em julho de 2010, foi aplicado um questionário semi-estruturado aos três sujeitos selecionados.

Posteriormente, as plantas utilizadas pelos entrevistados, bem como o efeito farmacológico referido, foram comparados à luz de artigos científicos que comprovassem ou não a finalidade citada pelos pesquisados. As plantas fotografadas e aquelas que estavam disponíveis foram posteriormente identificadas por uma pesquisadora vinculada à Embrapa Clima Temperado.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na identificação dos sujeitos, foram utilizados os nomes dos signos do zodíaco: Aquário, Leão e Capricórnio, sendo dois do sexo feminino. Dois participantes apresentam 52 anos de idade e o outro 48 anos. Eles citaram sete plantas medicinais utilizadas no tratamento e na prevenção do câncer: babosa, erva-de-lagarto, noz-pecã, quebra-pedra, cocão, madressilva e carrapicho rasteiro. Destaca-se que não foi realizada a identificação taxonômica do quebra-pedra, erva-de-lagarto, cocão e carrapicho-rasteiro porque estas plantas não apresentavam as estruturas reprodutivas essenciais para a correta identificação da espécie no período de execução do trabalho.

Os entrevistados, na sua maioria, utilizam as folhas das plantas, sendo a infusão a forma de preparo mais citada. Quanto à posologia, variou entre 200 mL e 1.000 mL diariamente e 1.400 mL a 7.000 mL por semana.

Com relação aos locais onde adquirem as plantas, os entrevistados apresentaram diversidade, assim, Aquário apanha as plantas no sítio do seu filho e com uma senhora, ambos no Povo Novo, município de Rio Grande/RS. Porém, Leão consegue a madressilva com auxílio de sua irmã que obtém esta planta com uma vizinha, mas a casca da noz-pecã é comprada em um ervateiro. E Capricórnio planta a babosa, logo, adquire em seu quintal. Os locais de armazenamento são os mais variados: Aquário, primeiramente seca a erva-de-lagarto, quebra-pedra, cocão e carrapicho rasteiro no sol e depois guarda em saco plástico; Leão adquire a madressilva verde e deixa secando no ar, contudo a casca da noz-pecã fica em saco plástico. Já Capricórnio, não armazena, colhe verde direto do quintal.

Aquário relatou que a senhora residente no Povo Novo, que tem 85 anos e vasto conhecimento sobre plantas medicinais, indicou o chá de cocão para o tratamento e prevenção do câncer de próstata. Leão refere que o chá de madressilva foi recomendado por uma menina que mora em Rio Grande/RS para a sua irmã para aumentar a imunidade, deste modo, sua irmã lhe aconselhou o uso, entretanto foi sugerido pela sua tia a tomar o chá de casca de noz-pecã para prevenir o câncer. Capricórnio expôs que a recomendação do uso da babosa para prevenir e tratar o câncer foi feito por uma colega da Associação Mama Vida.

Entre as plantas citadas pelos sujeitos do estudo, foi identificado o gênero de duas: babosa – *Aloe* e madressilva - *Lonicera*, e a espécie de uma, da noz-pecã - *Carya ilionensis*.

A *Aloe sp.*, citada por Capricórnio com o nome popular de babosa, apresenta diferentes espécies cultivadas no Brasil, sendo a *Aloe vera* uma das plantas de uso tradicional mais antigo. O uso tópico da *Aloe vera* é indicado em caso de queimaduras, ferimentos superficiais de pele, hemorróidas inflamadas, contusões, entorses e dores reumáticas. Porém, o seu uso interno é contra-

indicado porque pode causar intensa retenção de líquidos (LORENZI e MATOS, 2008). Uma pesquisa define o uso de *Aloe barbadensis* contra o câncer, cisto, furúnculos, inflamações, porém, há controvérsia quanto à ingestão do sumo (SILVA, OLIVEIRA e ARAÚJO, 2008). Por conseguinte, verifica-se uma ampla gama de uso da *Aloe*, estando muito bem fundamentado o seu uso tópico, porém o uso interno requer mais estudos, especialmente na ação anticâncer.

Estudos farmacológicos citam várias espécies de *Lonicera*, cujo nome popular citado por Leão foi madressilva. Uma pesquisa evidenciou que os extratos de *Lonicera japonica* **podem proteger contra danos celulares, ajudar a manter a saúde vascular e prevenir infecções (NUZZO, 2003)**. Porém não ficou evidente a sua aplicabilidade terapêutica no reforço da imunidade, e conseqüentemente na prevenção do câncer, mas o fato de prevenir alterações celulares e infecções pode incitar a futuras investigações da aplicabilidade desta planta na área de oncologia.

Ao pesquisar sobre a casca da noz-pecã, *Carya illinoensis*, encontrou-se um estudo que refere alto teor de compostos fenólicos e elevada atividade antioxidante nesta parte da planta (PRADO, 2008). Os compostos fenólicos apresentam propriedades antioxidantes, por isso, são indicados para o tratamento e prevenção do câncer (SOARES, 2002). Por conseguinte, a ação anticâncer da *Carya illinoensis* necessita de mais estudos para ser comprovada, no entanto a ação antioxidante desta planta ao neutralizar os radicais livres gerados no organismo é indício de sua eficácia, pois os radicais livres estão associados a diversas doenças, incluindo o câncer.

A erva-de-lagarto e o quebra-pedra tem o seu nome popular citado na Relação Nacional de Plantas de Interesse ao SUS – RENISUS (2009), elaborado pelo Ministério da Saúde (MS), que apresenta uma lista de 71 plantas medicinais indicadas para uso terapêutico, tendo o nome científico de *Casearia sylvestris* e a *Phyllanthus niruri* respectivamente. O *Phyllanthus niuri* é útil para litíase renal por auxiliar na eliminação de cálculos renais pequenos. Já a aplicação tópica da *Casearia sylvestris* é indicada em caso de algia e lesões, como antiséptico e cicatrizante e, uso interno se dispepsia, gastrite e halitose. No entanto, a Tropical Plant Database (2010) refere que a *Casearia sylvestris*, testada em ratos, possui atividade antitumoral, antifúngica e antiinflamatória.

Com relação ao carrapicho-rasteiro, foram encontrados estudos que indicam que esta planta é do gênero *Acanthospermum*, sendo que, foi identificado um artigo científico que define que o *Acanthospermum australe* tem atividade inibitória de tumores cancerosos (LORENZI e MATOS, 2008).

Quanto ao chá de cocão, cujo nome científico é *Erythroxylum argentinum*, não foram identificados estudos que indicassem o uso desta planta para o combate ao câncer. Entretanto, foi verificada uma pesquisa que apenas cita o uso de chá de cocão, como uma prática popular de cuidado, por um paciente oncológico com o objetivo de aliviar os efeitos da radioterapia (MUNIZ e ZAGO, 2008). Deste modo, ficou evidente que o *Erythroxylum argentinum* tem sido utilizado por pacientes oncológicos, merecendo mais estudos.

#### 4 CONCLUSÕES

Ao longo desta pesquisa, ficou manifesta a importância de ampliar estudos em humanos que comprovem ou não os benefícios das plantas medicinais citadas pelos entrevistados na prevenção e tratamento do câncer. Além disso, é necessário que a população, os usuários, os pesquisadores, os profissionais de saúde,

destacando-se os enfermeiros, conheçam com mais detalhes e profundidade o uso de plantas medicinais.

É importante destacar que o uso correto das plantas medicinais não intenciona substituir as terapias alopáticas, mas ser mais uma opção terapêutica a ser associado na prevenção ou tratamento do câncer.

## 5 REFERÊNCIAS

BALNEVES, L.G.; WEEKS, L.; SEELY, D. Patient-decision making about complementary and alternative medicine in cancer management: context and process **Current Oncology**, Philadelphia, v.15, n.2, p.94-100, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Direção de Administração e Finanças. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **RENISUS – Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS**. 2009 Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/RENISUS.pdf>> Data de acesso: 17 jul. 2010.

DI STASI, L.C. **Plantas Medicinais: verdades e mentiras: o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber**. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª ed. São Paulo: Instituto Plantarum; 2008.

MUNIZ, R.M.; ZAGO, M.M.F. A experiência da radioterapia oncológica para os pacientes: um remédio-veneno. **Rev. Latino-am. Enfermagem Online**, Ribeirão Preto, v.16, n. 6, Nov/Dez. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n6/pt\\_10.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n6/pt_10.pdf)> Data de acesso: 22 jul. 2010.

NUZZO, V. Element stewardship abstract for *Lonicera japonica*, Japanese honeysuckle. **The Nature Conservancy**, Arlington/Virginia. 2003. Disponível em:<<http://www.invasive.org/gist/esadocs/documnts/lonijap.pdf>> Data de acesso: 06 ago. 2010.

PRADO, A.C.P. **Avaliação da atividade antioxidante da casca e torta de noz-pecã [*carya illinoensis* (wangenh) c. Koch]**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências de Alimentos) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 27 de maio de 2008.

SILVA, F.L.A.; OLIVEIRA, R.A.G.; ARAÚJO, E.C. Uso de plantas medicinais pelos idosos em uma Estratégia Saúde da Família. **Rev. Enferm. UFPE On Line**, Recife, v.2, n.1, p.9-16, 2008.

SOARES, S.E. Ácidos fenólicos como antioxidantes. **Rev. Nutr.** Campinas, v.15, n.1, p.71-81, 2002.

TROPICAL PLANT DATABASE. Disponível em:<[www.raintree.com](http://www.raintree.com)> Data de acesso: 24 ago. 2010.